

cantando e seguindo, pedindo graças, "ajutório", e fazendo promessas. O Divino Espírito Santo aqui, antigamente, era três dias de festa. Era a grande festa do Ribeirão".

Termino transcrevendo duas quadrinhas que seu Pedro cantou para nós e que revelam a devoção popular ao Divino Espírito Santo e seu entendimento como Deus, na Trindade Santa:

Lá está a Cruz de oliveira
onde Deus se abraçou.
Viva a nobre Imperatriz,
viva o nobre Imperador.

Eu entrei em sua casa
com grande satisfação.
O Divino Espírito Santo
que lhe dê muita benção!

NOTAS:

- (1) DURAND, Gilbert, "Iconographie et Symbolique du Saint Esprit", in Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, Açores, 1985, p. 37.
- (2) SILVA, Agostinho, "Dez notas sobre o culto popular do Espírito Santo", *ibid.*, p. 178.
- (3) LIMA, Manuel Baptista de, "A introdução do culto do Divino Espírito Santo nos Açores e sua influência na simbólica e na arquitetura religiosa dos séculos XV e XVI", *ibid.*, p. 123.
- (4) "bodo" = distribuição de alimentos, roupa e dinheiro, aos pobres, em dias festivos (cf AURÉLIO).

- (5) O etnólogo DURAND, que já citamos acima (cf Nota 1), depois de recordar que "na iconografia da Anunciação e do Batismo o Espírito Santo é representado sob a forma - à primeira vista, insólita - de uma pomba, que, na mitologia grega, é o animal consagrado a Vênus", adverte para o que ele qualifica de "abuso" dos que, introduzindo o simbolismo helenista no texto bíblico, ligam a pomba à representação sexual de Vênus, amor carnal e formosura (cf *ibid.*, pp. 38-39). De resto, o real significado bíblico da pomba, como símbolo do Espírito Santo no batismo de Jesus, mereceria um estudo à parte.
- (6) LEITE DE ATAÍDE, Luís Bernardo, "Etnografia. A Arte e Vida antiga dos Açores", vol. I, Ed. da Biblioteca da Universidade de Coimbra, Portugal, 1974, p.33.
- (7) LIMA, Manuel Baptista de, op. cit., p. 126.
- (8) FIGUEIREDO, Jaime de, "Impérios Maritenses. Folclore açoriano", C. de Oliveira Ltda. Editores, Lisboa, 1957, pp. 22-24.
- (9) ESPERANÇA, Frei Manuel da, "História Seráfica da Ordem dos Frades de São Francisco", parte I, Lisboa, 1956, p. 130.
- (10) FRUTUOSO, Gaspar, "Saudades da Terra", Ponta Delgada, Tipografia do Diário dos Açores, 1926, p. 51.
- (11) Não vamos transcrever toda a entrevista, mas só o que interessa ao presente artigo.
- (12) "sevar" = meter as raízes da mandioca no caltito, para reduzi-las à massa de que se prepara a farinha (cf AURÉLIO).

Endereço do Autor:

Praça Olívio Amorim, 24
88020 - FLORIANÓPOLIS - SC

MADRE PAULINA, ENCARNAÇÃO DA FÉ DE UMA COLÔNIA DE IMIGRANTES

Ir. Célia Cadorin, IIC
Procuradora da Causa de Madre Paulina

Madre Paulina não é um fato isolado, mas fruto de situações sócio-político-econômico-religiosas quer do Sul-Tirol, dominado pela Áustria, hoje região Trentina da Itália, quer da incipiente Nova Trento da Província (hoje Estado) de Santa Catarina.

É impossível falar de Madre Paulina sem a questão migratória, que marcou sua família: pais, irmãos, avós maternos e vários tios, que deixaram Vígolo Vattaro, localidade vizinha da cidade de Trento, para estabelecer-se nos lotes de terra oferecidos pelo governo brasileiro ao Sul do Brasil.

1 - Os imigrantes tirolezes - Assim chamados porque pertencentes ao Tirol. A história do Trentino é uma história de lutas numa terra rica de belezas naturais, mas marcada pela sujeição ao estrangeiro, escassez de chão para cultivar ou de trabalho para ganhar o pão. A tudo isso deve-se juntar uma série de calamidades naturais (doenças das e nas plantações, inundações), que assolaram a região a partir da metade do século passado.

As precárias condições econômicas do mundo camponês italiano, diante do convite, da propaganda e das promessas do governo brasileiro, provocaram em muitos o desejo de partir.

Vígolo Vattaro, de uma população de dois mil habitantes, em apenas um mês: 25 de agosto - 25 de setembro de 1875, assistiu à partida de 130 pessoas agrupadas nos respectivos núcleos familiares. Consequência deste tipo de imigração foi que os novos colonos não se confundiram com os nativos ou outros imigrantes, mas constituíram colônias, onde foram mantidos

língua, costumes e religião do lugar de origem. Além disso, tudo era "batizado" com nomes da pátria distante e Capelas eram construídas para honrar os patronos deixados. Assim, surge a Colônia de Nova Trento no antigo "Alferes", com as localidades de Vígolo, Besenello, Valsugana, etc.

2 - A fé dos imigrantes tirolezes - As crônicas da época registam que as famílias tinham um encontro fixo na Catedral (Duomo) de Trento para a Missa, a última oração diante de San Virgilio, e a bênção do sacerdote antes de deixar para sempre a terra natal.

Apesar de serem, praticamente, todos católicos, os emigrantes partiram sozinhos porque os Bispos italianos não permitiam ou dificultavam a concessão de algum sacerdote para acompanhar as levadas de italianos que buscavam novas terras, exceto Mons. Giovanni S. Scalabrini com seus Missionários de S. Carlo Borromeo. Além disso, Bispos do Brasil temiam receber sacerdotes italianos porque, muitas vezes, eram imbuídos de idéias revolucionárias.

A falta de sacerdotes foi um dos grandes sofrimentos para os tirolezes de Nova Trento. Na Colônia de Brusque, distante 28 km., havia um só sacerdote: Pe. Alberto Gattone, alemão, que já em 1876 visitava os Trentinos fixados nos lotes ao longo da estrada entre Brusque e Nova Trento. A primeira missa da Colônia de Nova Trento foi celebrada numa escolinha erguida pelos tirolezes em "Aliança" (hoje, Clarafba), localidade onde se ergueu também a primeira Capela dedicada a S. José. Surgiram logo depois a Capela de Santa Ágata em Besenello, onde Padre Arcangelo Ganarini, que viera de Trento, batizou os filhos dos primeiros colonos.

Famílias provenientes de Vigolo Vattaro construíram em Vigolo uma Capela dedicada a S. Jorge, patrono de sua terra natal.

Na sede - Nova Trento - a igreja foi dedicada a S. Virgílio, bispo e mártir e padroeiro de Trento, sem falar das Capelas de Santo Antônio no Salto Baixo, de S. Roque, etc.

Essas capelas são prova da fé dos imigrantes, que Pe. Giovanni Maria Cybeo, na carta ao Pe. Geral da Companhia de Jesus, em 1878, assim descreve:

"V.P. saberá da numerosa emigração de camponeses Italianos para a América, particularmente para o Brasil. Somente nesta Província de Santa Caterina (sic) se estabeleceram, ultimamente, quase 14.000 entre Tiroleses, Lombardos e Vênetos; cada dia estão aumentando mais e já formaram lugarejos e entre esses, qual capital, Nova Trento. Quanto ao temporal, em geral, não se podem lamentar, mas para o espiritual, acostumados na Itália a Igreja, sacerdotes e instrução, máxime para as crianças, aqui, assim dispersos entre os matos e montanhas, longíssimo da Igreja e com raríssimos sacerdotes (e estes ocupados também com muitíssimos Brasileiros e Alemães), os pobrezinhos se encontram desesperados, arrependidos de ter vindo e pedem ajuda e propriamente pode-se dizer deles "jacentes sicut oves non habentes pastorem"! - E para os grandes, com a religião viva que trazem da Itália, sendo quase todos pobres camponeses, o caso não é tão triste. Os que devem ser mais compadecidos são os jovens e meninos pelos quais... tem-se tudo para temer pelo futuro, isto é, que não se transformem, como tantos outros, aqui, em cristãos indiferentes, ignorantes, dados aos vícios (...).

Há três meses nos encontramos em missão entre estes pobres Italianos percorrendo diversos vales (...) Já pregamos em 12 capelas, ou seja cabanas de madeira e ramos, onde 200, onde 400, onde mais de 600 confissões, como ultimamente em Nova Trento, numerosas primeiras comunhões, devotas procissões, missas cantadas e doentes em grande número, que tiveram a consolação de receber os Sacramentos.

Depois de Pentecostes interrompemos por um pouco esta missão para ir a Desterro, onde se encontra em visita o R. P. Cocumelli, Superior. Pareceu-nos uma verdadeira providência ter ele tardado em vir, por causa das febres amarelas, porque assim pudemos ser testemunhas de vista da extrema necessidade espiritual que tem estes pobres Italianos tão numerosos, e do lugar e vales em que estão distribuídos, e contar ao P. Cocumelli do vivo desejo que todos têm que se estabeleça uma casa de missionários no meio daquela Colônia (...). O lugar mais preparado (apropriado) para Residência parece ser Nova Trento" (1).

Esta carta foi providencial, porque, a 14 de dezembro de 1879, chegavam a Nova Trento os primeiros Jesuítas da província romana. O zelo da glória de Deus e a salvação das almas, levou os jesuítas a estabelecer:

- missa na sede e nas diferentes valadas;
- catecismo aos domingos: uma hora para os adultos e uma hora para as crianças, com bênção do Santíssimo no fim;
- incentivo às devoções ao S. Coração de Jesus, a Nossa Senhora, S. José, Almas do purgatório;
- visita aos doentes;
- exercícios espirituais ao povo que, de manhã cedo, antes de clarear o dia e, à tarde, ao escurecer, acorria para ouvir a Palavra de Deus;
- Pia União das Filhas de Maria, Apostolado da Oração, Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, Associação da Boa Morte;
- Coral e banda de música sob a direção do Pe. Angelo Sabbatini.

É claro que a vida religiosa dos imigrantes tornara-se outra: "Eu estou aqui entre Tiroleses, a melhor gente do mundo (...). Parece mesmo um outro mundo esta Nova Trento" (2) assim escrevia Padre Luigi Maria Rossi em 1895.

3 - **A terra deu o seu fruto** - Causaria maravilha se um terreno regado pela fé e pela piedade não produzisse frutos.

Os imigrantes não podiam deixar de trazer consigo a labiosidade, a coragem, a fortaleza, o amor à família e aos antepassados, que hoje como ontem caracterizam as famílias dos Trentinos. Entre elas estava a família de Napoleone Visintainer e Anna Pianezzer, que transmitiram esses valores aos filhos: Ernesto, AMABILE, Domenica, Luigi, Giuseppina, todos nascidos em Vigolo Vattaro.

Napoleone, pedreiro de profissão, era homem de fé profunda, cristão praticante, membro ativo da Ordem Terceira de São Francisco. Anna, que pertencia à Confraria do SSmo. Sacramento, além dos trabalhos domésticos, cultivava um pequeno campo e, à noite, fiava e tecia linho ou algodão para vestir a família sempre mais numerosa.

Em Vigolo de Nova Trento, os dias eram passados na derrubada da floresta, na preparação do terreno, plantio de milho, mandioca, hortaliças e frutas, bem como na educação dos filhos nascidos no Brasil: Mansueto, Manoel, José.

O verde das montanhas e a água cristalina dos riachos serviam de moldura à paz da família de Napoleone, que vivia do trabalho e em grande piedade, quando a morte arrebatou a senhora Anna com apenas 47 anos. Amabile, como mais velha das meninas, assumia a direção da casa e a educação dos irmãos.

Com esses pressupostos ambientais e familiares, não é fácil entrever o fruto: Amabile, já em Vigolo Vattaro e sobretudo em Vigolo de Nova Trento, chamava a atenção pela sua bondade, caridade, piedade e amor ao trabalho, notas que se acentuam à medida que passam os anos até se tornarem as marcas de sua fisionomia espiritual. "Vivia somente para o trabalho e para a oração", (3) assim define e escreve Ir. Domingas do Paraíso, testemunha do Processo Informativo.

Amabile trabalhava em casa, no campo e no moinho de fubá (atafona) montado por seu pai, Napoleone e por Francesco Nicolodi, quando um dia, Padre Augusto Servanzi, superior da "Residenza" de Nova Trento, confiou a ela e à sua amiga, Virgínia Nicolodi, um encargo como um tríplice mandato:

"Tenho uma missão a dar-vos e desejo que a desempenheis com amor e diligência; confio-vos o catecismo às crianças, a limpeza da capela de S. Jorge e a assistência aos enfermos". (4)

Este mandato constituiu para Amabile e Virgínia, de apenas 15/16 anos, o início de uma vida apostólica. Assustadas, mas encorajadas por Padre Servanzi, assumem e levam avante o encargo recebido, acrescentando outras iniciativas apostólicas.

"Além dos trabalhos que dissemos, nos queriam também incumbir, como de facto fizemos, de vestir de branco algumas meninas, e formar uma pequena legião de meninos chamada dos guerreiros de São Jorge, para chamar a proteção do glorioso Martyr sobre estas crianças.

Seja dito à maior glória de Deus que a actividade de nós duas teve por resultado o grande aumento da devoção e a frequência dos santos Sacramentos em Vigolo. Saíamos em romaria com o povo todas as primeiras sextas-feiras do mês, percorrendo a pé os cinco quilômetros que nos separavam de Nova Trento. Um dos fins destas romarias era fazer a Comunhão reparadora.

Durante as romarias não se falava, mas rezávamos o terço com a ladainha de nossa Senhora, e depois cantávamos hymnos ao Coração de Jesus.

Fomos também destinadas a tomar conta da Capelinha de S. Jorge como sacristãs, e neste serviço procuramos de esmerar-nos o mais possível: trabalhamos as duas juntas para limpar tudo, fazendo flores, toalhas e ornamentos para as festas, pedindo tudo de esmola das pobres famílias (sic) que nos cercavam". (5)

Animadas pelo Padre Superior, as duas jovens visitam

os doentes de Vígolo e seus arredores. Era uma incumbência mais que urgente, necessaríssima, para doentes distantes de qualquer centro, sem hospital, sem médicos. O clima diverso, as pobres habitações de táboas, os insetos e cobras da floresta, a fome, a miséria, as saudades, eram causa de não poucas doenças e de muitíssimas mortes.

O trabalho apostólico durante quase dez anos fez nascer entre os conterrâneos de Vígolo a admiração e o respeito para com Amábile e Virgínia, ao ponto de ser-lhes confiado um serviço especial: o cuidado de uma pobre cancerosa. Madre Matilde (Virgínia Nicolodi) na "História da Congregação" precisa:

"Surgiu então em varias pessoas que se interessavam pela doente, a idéia de que eramos nós duas as únicas que deviam-se sacrificar por ela tomando-a conosco, que ainda não tínhamos casa alguma, para servi-la em tudo - Tendo esta idéia tomando vulto, nos foi definitivamente oferecida a infeliz criatura, e nós a aceitamos com grande consolação, esperando com uma certa segurança de que este era o meio empregado por Deus para sair de uma vez da casa de nossos pais para ficarmos unidas no exercício da oração e da santa caridade". (6)

Desta como investidura do povo cristão, começa a obra de Amábile Visintainer, que algum tempo antes já insistia com Virgínia, dizendo-lhe:

Porque não podemos nós fazer uma casinha unida à nossa pequena capela, e deixando a nossa família recolher-nos nela para tratar só de rezar, trabalhar e cultivar o espírito de outras meninas?" (7)

A idéia de Amábile torna-se realidade aos 12 de julho de 1890, quando, com a ajuda do pai, Napoleone Visintainer, é recolhida no casebre de 24m² a mulher, doente de câncer, que depois de quase dois meses de sofrimentos e ter-se reconciliado com Deus, morreu assistida por Amábile e Virgínia.

No casebre de 6x4m transformado em capela, uma placa recorda: "Aqui morreu a cancerosa e nasceu a Congregação".

4 - Vida apostólica do nascente Instituto - As duas "enfermeiras" - assim chamadas pelo povo - abriram a porta do casebre, que os vigolanos batizaram de "Ospedaletto San Vigilio" (Hospitalzinho S. Vigilio), para receber meninas órfãs ou pobres para educar, bem como, senhoras idosas e abandonadas ou doentes.

No casebre de Vígolo emerge o CARISMA da nova Congregação, nascida nos matos, onde a Igreja é o centro e o coração de uma população de pobres imigrantes, mas portadores todos eles de uma fé firme e profunda.

Amábile e Virgínia, com a nova companheira, Teresa Maule, depois de quatro anos de apostolado em Vígolo, em fevereiro de 1894, segundo sugestão do superior da Missão dos Padres Jesuítas, passam para Nova Trento, onde o campo de ação é maior e podem expandir seu zelo a partir da Igreja Matriz.

"Nos meses seguintes de 1894 continuamos a ir nos domingos a Vígolo, para o catecismo das crianças, e reunião das Filhas de Maria, e também para as procissões, e outras práticas devotas, e tudo isto naturalmente servia para manter o povo em grande fervor espiritual.

(...) Passados alguns meses, depois de nos termos estabelecidas em Nova Trento, (...) ensinávamos um pouco a ler, e especialmente a doutrina cristã e a fazer os serviços, que devem as boas filhas de família.

Também ensinávamos piedosos canticos e nos tempos livres as exercitávamos, para depois cantarmos juntamente com o povo na Igreja". (8)

Aos 25 de agosto de 1895 a obra de Amábile é reconhecida pela Igreja: Dom José de Camargo Barros não só deu a sua aprovação ao Instituto como autorizou a escolha do nome da Congregação e a profissão religiosa de Amábile e de suas companheiras. Amábile passou a se chamar Irmã Paulina do Cora-

ção Agonizante de Jesus.

O chamado "conventinho" cresce em número de pessoas e em necessidades. Trabalhavam em casa, na roça, na escola, além do apostolado em Vígolo e em Nova Trento. Eram bóias-frias nas plantações à meia, sem contar as privações e sacrificios da pobreza em que vivem, levando Madre Paulina a fundar a primeira fábrica de tecidos de Nova Trento para sustento das suas obras e ajuda do povo, especialmente a juventude feminina.

Como síntese, transcrevemos um trecho da carta do Pe. Giovanni Maria Cybeo ao Padre Provincial, em janeiro de 1903:

"Foram sempre crescendo em número e virtude, e pode-se dizer em santidade, com dons particulares do Senhor. São a edificação do lugar pela sua modéstia, virtude e obras de zelo; e entre pobres camponesas que nunca safram destas colônias é coisa de se admirar.

Dão aula e catecismo às meninas; assistem também mulheres doentes, vivem de tecidos e outros trabalhos, também da roça e de esnolas. Em Nova Trento têm o noviciado, e a seis quilômetros, junto à Gruta de Lourdes, um orfanato e pequeno educandário proporcional ao lugar. **A superiora tem tino e virtude particular.**

(...)Elas rezam continuamente por nós e pela Companhia.

(...) Recomendo-me muito às suas orações e SS.SS.

e sou de V.P.

Infimo in X.t

G.M. Cybeo Sj.

Nova Trento, 25 de janeiro de 1903". (9)

5 - Apostolado no Brasil e no exterior - Em 1903, Madre Paulina, sob conselho do Padre Luigi Maria Rossi, deixa Nova Trento para assumir em São Paulo um trabalho inédito: atender aos filhos de escravos e velhos ex-escravos abandonados, que o Dr. José Vicente de Azevedo queria socorrer no Alto do Ipiranga. Surge então o chamado "Asilo Sagrada Família", hoje Educandário, que ainda acolhe, sobretudo, meninas de cor, e atualmente abriu suas portas aos pobres da vizinha favela.

Em 1905, Madre Paulina, a pedido do Bispo de São Paulo, D. José de Camargo Barros, aceita a direção da Santa Casa de Misericórdia de Bragança Paulista, que será a primeira das muitas dirigidas pelas Irmãs.

Em 1934, Madre Paulina teve a alegria de ver suas filhas seguirem animadas para trabalharem com os Padres Jesuítas nas missões do Mato Grosso.

Por ocasião da morte da "Veneranda Madre Fundadora", 9 de julho de 1942, a Congregação contava com 47 comunidades: **17 a serviço dos doentes pobres, 1 para os tuberculosos pobres, 7 para inválidos ou anciãos pobres, 1 para sacerdotes idosos e doentes, 4 para órfãos, 5 como escola, 2 nas missões de Mato Grosso, 1 para a catequese em Florianópolis.** Nota-se que o acento está nos doentes, nos inválidos e órfãos. Não são obras de renome ou de luxo. As palavras "pobres" e "inválidos", na síntese das Casas do ano de 1942, aparecem 24 vezes - sinal evangélico e digno de Madre Paulina, que iniciou sua obra na pobreza absoluta para atender aos mais necessitados.

Depois da morte da Madre Paulina, a Congregação das Irmãs continuou a Imaculada Conceição continuou no mesmo caminho... Depois de Medellín e Puebla, as Irmãs começaram um trabalho de inserção entre gente pobre e marginalizada, especialmente no Nordeste, Centro-Oeste e Extremo-Oeste do Brasil, onde muitas vezes são o único sinal de Igreja, em regiões onde o Sacerdote pode chegar apenas de quando em quando.

Nos últimos anos a Congregação deu os primeiros passos em direção a países mais longínquos: em 1978 abriu uma Casa em Vigolo Vattaro, terra natal da Fundadora, que foi um impulso para em 1981 ir à Nicarágua e à Argentina e, em 1985, ao Chade, na África.

Se Madre Paulina é, de fato, a encarnação da fé de uma colônia de imigrantes em Santa Catarina, é importante preservar sua memória entre nós. Possa o seu exemplo iluminar não só suas filhas espirituais, as Irmãs da Imaculada Conceição, mas também a juventude catarinense, os nossos jovens e nossas jovens, para que, a seu exemplo, descubram e vivenciem a velha e nova alegria – a de servir.

NOTAS:

1. Cf. Carta do Padre Giovanni Maria Cybeo ao Padre Pietro Beckx, Prepósito Geral da Companhia de Jesus: 24 de junho de 1878 – ARSI, "Bras. C. 1001 – III, 18".
2. Cf. Carta do Padre Luigi Maria Rossi à Suor Angélica, abadessa do "Monastero Corpus Domini" de Forlì (Itália): 9 de março de 1895, in "Lettere Edificanti dei Padri della Compagnia di Gesù della Provincia Romana", Tipografia Poliglota da S.C. Propaganda Fide, Roma, 1897, págs. 96-97-APRSI.

3. Cf. *Summarium*, pág. 143 in.
4. Cf. M. DOROTEIA, *História da Congregação*, I Parte, pág. 7 - ACIIC
5. Cf. M. MATILDE, *História da Congregação*, pág. 30-31 - ACIIC.
6. *Ibidem*, pág. 46
7. *Ibidem*, pág. 39
8. *Ibidem*, pág. 141 e 142
9. Cf. Carta do Padre Giovanni Maria Cybeo ao R. P. Provincial: 25 de janeiro de 1903, in "Lettere edificanti dei Padri della Compagnia di Gesù della Provincia Romana", Tipografia Artigianelli S. Giuseppe, 1906, págs. 43 a 49 - APRSI.

Endereço da Autora:

Casa Geral das Irmãs
Av. Nazaré, 470 - Ipiranga
04262 - São Paulo - SP

PATROLOGIA LATINO-AMERICANA: UM PROJETO

Prof. Daniel E. Ramada Piendibene
Prof. de História da Igreja e
Dogmática, e Diretor do ITESC

No número anterior da nossa revista começamos um artigo sobre as relações entre evangelização e organização social. A continuação deveria aparecer neste número, mas não obstante consideramos de maior interesse confiar a ENCONTROS TEOLOGICOS, em primeira mão, a notícia de uma obra de envergadura cuja realização deve acontecer nos próximos meses. Trata-se do Projeto "PATROLOGIA CRISTÃ: SÉRIE LATINO-AMERICANA", no qual viemos trabalhando, minha esposa e eu, desde dois anos.

O que segue é a exposição de motivos com que acompanhamos o Projeto quando foi apresentado à Pontifícia Comissão para a América Latina, ao Secretariado Vaticano para a cultura e ao CELAM. Cabe destacar que o próprio Cardeal Poupard, em carta oficialmente dirigida ao responsável apostólico do Projeto para as regiões de fala hispânica, definiu-o como uma "notável iniciativa", e o Secretário Geral do CELAM, Dom Oscar Andrés Rodríguez, em carta de 27.4 p.p. a Dom Pablo Galimberti, bispo de San José, no Uruguai, assim se expressou: "...O CELAM se alegra com esta iniciativa, cuja oportunidade e conveniência parecem óbvias, e lhe dá seu apoio moral, esperando que tudo contribua para esclarecer problemas que, na apreciação da obra evangelizadora, têm surgido ultimamente"... "Este esforço se soma ao do CELAM, cuja 'Coleção V Centenário' apresenta já 27 obras publicadas e ainda outras em vias de publicação"... "Como V. Exa. já entrou em contacto com o Pontifício Conselho para a Cultura e com a Pontifícia Comissão para a América Latina, me parece oportuno que continue os contactos para que o Projeto seja logo uma realidade".

É, pois, com certo legítimo orgulho, que apresentamos a nossos leitores:

PATROLOGIA CRISTÃ, SÉRIE LATINO-AMERICANA

Motivado pelos 500 anos de evangelização na América Latina, o "Instituto de Teologia Patrística Latino-americana" (ITEPLA) pretende desenvolver um projeto de trabalho,

na área da evangelização, com a finalidade de enriquecer as bases empíricas para uma reflexão teológica sobre a cultura local: resgatar a obra escrita daqueles apóstolos que transmitiram a boa-nova no continente, e colocá-la ao alcance tanto dos especialistas e investigadores como do público em geral.

1. Descrição da problemática que dá motivo a este Projeto.

1.1. O patrimônio evangélico na cultura latino-americana atual.

A experiência missionária e evangelizadora da Igreja latino-americana é contada, provavelmente, entre as mais interessantes dos tempos modernos. Durante cinco séculos, e independentemente de fatores linguísticos, culturais ou sociais, o cristianismo expandiu-se no Novo mundo, às vezes junto da espada dos conquistadores, às vezes enfrentando-a na defesa dos menos favorecidos, outras vezes acompanhando os processos de autonomia e emancipação e dando-lhes impulso, ou ainda constituindo um freio ou um fermento crítico diante dos mesmos. Por essa razão, o evangelho está como que inscrito nos níveis mais fundos do ser social latino-americano, considerado tanto histórica como estruturalmente.

Apesar de viver, como se acaba de dizer, em um continente de raízes profundamente ligadas ao evangelho, o pensamento cristão parece pouco relevante no conjunto da cultura latino-americana atual. Em consequência do desenvolvimento que se seguiu à crise de emancipação, a cultura vai-se distanciando progressivamente da experiência cristã. De fato, o processo de independência foi germinado, na maior parte das vezes, em ambientes de notável acento anticlerical. Um pouco mais tarde, a intelectualidade local foi elaborando suas propostas dando as costas à experiência religiosa cristã e, em geral, a partir das últimas décadas do século XIX, baseou seu pensamento em categorias analíticas tomadas do pensamento europeu – principalmente das vertentes secularistas. Os próprios cristãos de hoje, quando precisam de pontos de referência para tratar dos problemas locais (seja para análises de conjuntura, seja para fundamentar os juízos sobre a realidade), recorrem com frequência a autores de tendência liberal ou marxista, porque não dispõem de um patrimônio particular alternativo.

Estas peculiaridades do processo sócio-religioso conti-